

A ESPETACULARIZAÇÃO DA RENÚNCIA DE BENTO XVI: RELAÇÕES DE PODER E A (DES) ORDEM DO DISCURSO

Éderson Luís Silveira¹
Wilder Kleber Fernandes de Santana²

RESUMO

Este trabalho se propôs a analisar como a mídia trabalhou discursivamente o acontecimento da renúncia do Papa Bento XVI, a partir do referencial da Análise do Discurso foucaultiana. O *corpus* é composto por três charges que circularam pela internet tanto durante o tempo em que Bento XVI ocupou a posição de papa, de fevereiro a março de 2013, a partir de uma “irrupção histórica”. Os resultados demonstraram a existência de jogos de poder em torno da renúncia do Papa Bento XVI no bojo de um acontecimento específico no qual a mídia trabalha discursivamente, ora fabricando sentidos.

Palavras-chave: análise do discurso, relações de poder, mídia, discurso religioso.

Introdução

O presente trabalho buscou considerar o emaranhado de relações de poder e(m) jogos discursivos construídos pela mídia brasileira em torno do acontecimento da renúncia do Papa Bento XVI. Para tal empreendimento foram selecionados alguns enunciados que circularam na mídia por ocasião da referida renúncia papal, que produziram um efeito de interdição quanto à razão da renúncia do Sumo Pontífice relacionada, por exemplo, a um exercício expressivo de corrupção que assolava o Vaticano. Averiguou-se que a mídia fabricou uma série de verdades, a partir da

¹ Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Michel Foucault e os Estudos Discursivos (UFAM/CNPq). Atua na área de Estudos da Linguagem, subárea Estudos Discursivos, Literários e Educacionais; Membro-pesquisador do Grupo Michel Foucault e os estudos discursivos e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Experiências Estéticas e Formação Docente (GESTAR/CNPq). E-mail: ediliteratus@gmail.com.

² Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (Proling- UFPB). Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Nacional (FTN). Foi Representante Discente do Doutorado no colegiado do Proling/UFPB (2019/2020). Membro do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação (GPLEI/UFPB/CNPQ) e do Grupo de Pesquisa em Linguagens, Tecnologias e Políticas Públicas (GPLTTP/UERGS/CNPQ). E-mail: wildersantana92@gmail.com.

circulação incessante de enunciados que versavam sobre a fraqueza de saúde e a idade avançada de Joseph Ratzinger como motivos para sua renúncia, a fim de que não transparecessem fatores como um desequilíbrio institucional por parte da Igreja Católica e uma conseqüente perda de fiéis. Outrossim, tal espetacularização midiática estaria prendendo a atenção de grande parte da massa católica mundial, fabricando verdades ligadas a fatores de ordem pessoal e não de cunho religioso.

Sobre a espetacularização, vale uma retomada: o termo remonta aos estudos do francês Guy Debord (1997) que publicou a obra *Sociedade do espetáculo* pela primeira vez em 1967 em Paris, na qual afirma que a existência e a reprodução das sociedades regidas pelo mercado se dão a partir de uma condição *sine qua non* de tais instâncias: o espetáculo, que constitui o conjunto de relações mediadas pela imagem. Onde há consumo de mercadorias e de imagens, há espetáculo. Dessa forma, trata-se de um posicionamento crítico em relação à sociedade capitalista. Com o passar do tempo, ao invés de esvaziar-se a produção de espetáculos tomou conta da vida social. Então se torna cada vez mais proeminente pensar nas formas de espetacularização que permeiam e se sofisticam através de inúmeras mídias, pois isso pode resultar em entraves para a emancipação crítica de um aglomerado cada vez mais abrangente de sujeitos. É nesse interim que utilizamos o termo **espetacularização**.

Respaldados no pensamento foucaultiano (FOUCAULT, 1979) de que discursos se constituem por relações de poder, questiona-se: por que a mídia tinha interesses de fabricar verdades sobre a renúncia papal a partir da repetição incessante de alguns enunciados e interditou outros que revelavam a (des) ordem do discurso religioso que reinava no Vaticano? A nosso ver a mídia, enunciativamente, ao trabalhar este acontecimento da renúncia do Papa Bento XVI, produziu ressignificações através de jogos discursivos, resultando na fabricação de verdades, a partir de interdições e apagamentos de alguns enunciados e circulação de outros sentidos, que revelam a opacidade constitutiva do discurso e exibem a relação entre saberes e poderes.

Nosso objetivo geral é analisar como a mídia trabalhou discursivamente o acontecimento da renúncia do Papa Bento XVI. Como objetivos específicos, propomos: a) discutir o acontecimento empírico da renúncia papal, traçando um panorama de fatos que o antecederam para entender sua irrupção histórica; b) analisar, nos enunciados, como ocorrem as relações de poder que possibilitaram a renúncia do Papa em questão;

c) analisar a materialidade linguística sincrética das charges contidas em revistas e blogs. Nosso *corpus* é composto de fragmentos textuais de revistas virtuais e de blogs, além de três charges, que recuperam e ressignificam os acontecimentos em torno do discurso do Papa Bento XVI. As charges, que circularam pela internet entre fevereiro e março de 2013, compõem uma série de caricaturas sobre a renúncia ocorrida em Roma.

Trata-se de um trabalho de cunho qualitativo-interpretativo, estruturado em três seções, além da Introdução: a primeira, intitulada “Entre saberes e poderes” trata da construção dos sentidos na linguagem com base nos postulados de Foucault. Em seguida, é apresentado um breve panorama histórico sobre o Papa. A terceira parte é composta pela análise do *corpus* e, logo após, seguem as considerações finais.

Entre saberes e poderes

O aporte teórico que subsidiou a análise do *corpus* é o da Análise do Discurso de linha francesa, doravante AD, tomada a partir dos postulados foucaultianos. Desse modo, pretendeu-se interpretar/analisar a materialidade linguística dos enunciados voltando-se para a dimensão histórica do acontecimento, com o auxílio da teoria foucaultiana para pensar as relações entre os discursos, os sujeitos, a História e os poderes. Importante assinalar que numa análise discursiva não se busca “a unidade dos discursos, mas o assinalamento de sua dispersão através dos exemplos utilizados por meio da tarefa de articulação e do estabelecimento de relações discursivas possíveis (mas não esgotáveis na análise empreendida)” (SILVEIRA, 2018, p. 01).

Foucault (1979, p.14) parte do princípio de que “os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa”. Assim, considera que não há “o” poder, mas relações de poder que perpassam todas as relações humanas nas esferas sociais. Veremos como isto se aplica no discurso religioso, analisando o bojo das relações de poder que perpassaram a abdicação do cargo de Papa por Bento XVI, Joseph Ratzinger.

Em seu livro *A ordem do discurso* Foucault (1999, p. 8) questiona: “mas o que há de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde afinal está o perigo?” A partir disso, de acordo com Baracuhy (2009, p. 17) “[o] filósofo em questão define a interdição como um procedimento de

controle e delimitação do discurso. Ele afirma que todo discurso se insere em uma ordem, que é perpassada por coerções de ordem linguística e social”. É nesse sentido que, ainda de acordo com a autora, o sujeito do discurso não tem o direito de dizer tudo, em qualquer momento para qualquer pessoa. Seus dizeres são controlados socialmente e muitos sofrem interdição. Por este motivo, a Análise do Discurso não restringe suas análises somente ao nível do fio sintático-morfológico lexical, mas promove uma ampliação para o nível (discursivo e interacional) das relações sociais, que inclui os sujeitos e as relações de poder. Para Foucault (1999), a interdição está relacionada com a ligação do discurso com o desejo e com o poder. Assim, como mecanismo de controle procedimental dos discursos se desenvolve a partir de um aporte institucional que interdita vozes de sujeitos sendo, portanto, procedimento externo de exclusão de discursos coletivos.

Com isso, este trabalho discute como a mídia fabrica verdades – considerando a verdade não como um organismo dotado de uma ontologia autossuficiente, mas como lugar de produção de veridicções no decorrer da história da humanidade - a partir da interdição de alguns enunciados e circulação incessante de outros. Já refletia Foucault (1996, p. 8) sobre os perigos que rondam os discursos e o conseqüente controle social para “conjurar seu acaso”. No início de 2013 foi anunciada através do Vaticano que o pontífice renunciaria o que, de fato, ocorreu, em fevereiro do ano mencionado. Então, articulada a uma tentativa de não deixar transparecer um desequilíbrio institucional por parte da Igreja Católica e uma conseqüente perda de fiéis passaram a circular, através da mídia, vários enunciados em diferentes gêneros discursivos, enfatizando a fraca saúde do Papa, sua idade avançada como motivos para sua renúncia. Essa espetacularização midiática também estaria prendendo a atenção de grande parte da massa católica brasileira, maior país das Américas com número de católicos depois do Vaticano, produzindo um efeito de interdição discursiva e de eufemização quanto aos escândalos políticos de corrupção dentro do Vaticano.

A respeito dos enunciados escolhemos a *charge* para integrar nosso *corpus* porque os dizeres que circulam nesse gênero nos permitiram trabalhar a opacidade dos sentidos e dos discursos na (re)configuração de determinados acontecimentos em torno da renúncia papal bem como adentrar no escopo das relações de poder imbuídas no discurso religioso em pauta, uma vez que a charge faz a crítica social através da sátira.

De acordo com Monteiro (2011, p. 89) “[a] charge se justifica enquanto gênero discursivo, pois ela possui estilo, tema e forma de composição específicos, ou seja, é uma imagem em que se satiriza um fato situado num contexto sócio-histórico definido, e que, em geral, possui um caráter político.”

Também trabalhamos com o *blog*, suporte textual que se constitui um lugar de produção de sentidos. Em relação a essa materialidade específica, Araújo (2009, p. 64) afirma que “[o]s blogs podem ser multidisciplinares [...] conceitos podem ser discutidos e articulados, através de interlocuções individuais ou em grupo [...] Os blogs potencializam a construção de redes sociais e de saberes”. Dessa forma, escolhemos enunciados que circularam nos blogs para discutir os discursos interditados pela mídia a fim de analisar as *relações de poder* em torno da recusa do cargo de Papa por Bento XVI.

Nesse contexto, efetuamos, inicialmente, um breve panorama histórico acerca das condições de emergência do Papa, visando contextualizar esse sujeito histórico: quem é o papa e suas devidas funções, a história e as leis que regem a Igreja Católica, colher informações sobre a(s) significação/significações do Papa que circularam socialmente. Após isso, adentramos no campo da discursivização das relações de poder em torno da renúncia de Bento XVI e desta renúncia considerando o enfoque e direcionamento midiáticos empreendidos.

Breve Panorama Histórico sobre o Papa

Primeiramente, propõe-se aqui retornar um pouco à história e às leis que regem a Igreja Católica, para buscar compreender o cerne do trabalho: as relações de poder em torno da renúncia de Bento XVI. É de extrema importância que sejam explanados tais temas porque estão articulados a micropoderes para, então, percebermos a postura institucional. Portanto, é preciso que se explanem algumas informações a respeito da(s) significação/significações do Papa, socialmente.

O Papa é o bispo de Roma, chefe de estado da cidade do Vaticano e líder mundial da Igreja Católica. Seu cargo é vitalício e sua autoridade descende diretamente de Jesus Cristo, de acordo com a fé destes cristãos. Entre suas funções e deveres estão, teoricamente, manter integridade e fidelidade do depósito da fé. Manter dedicação ao alargamento do catolicismo e de sua fé pelo mundo. É dever do papa nomear cardeais e

eleger bispos, assim como canonizar santos e criar dioceses. Este líder intervém em questões administrativas do Vaticano e da Igreja Católica em todo o mundo, e é dele, como lugar social, que partem as ordens do discurso católico. Cabe a ele trabalhar pelo diálogo inter-religioso e pela defesa dos direitos-humanos. Porém, nem sempre é isso que acontece.

Oficialmente, não há condições básicas para que uma pessoa seja eleita Papa – basta que ela seja doutrinada dentro do Catolicismo, ser praticante e ter pleno uso da razão para exercer as funções exigidas pelo cargo. Entretanto, na prática, o ofício é mais rigoroso. Os eleitos, há muitos séculos, têm sido, antes de terem sido eleitos pontífices, cardeais. Caso o cardeal eleito ainda não seja bispo, ele é ordenado logo após a eleição, pois o Papa é o Bispo de Roma. O novo escolhido precisa ter o voto de dois terços dos cardeais votantes para ser eleito.

A renúncia de um Papa está prevista no *Código de Direito Canônico* (1987), no artigo 332.2:§ 2. “Se acontecer que o Romano Pontífice renuncie ao cargo, para a validade requer-se que a renúncia seja feita livremente, e devidamente manifestada, mas não que seja aceita por alguém.” Tal texto estabelece que, para a renúncia papal ter validade, é preciso que seja de livre e espontânea vontade, na medida em que não precisa ser aceita por ninguém. Segundo o código uma vez tendo renunciado o Papa não pode mais voltar atrás.

O fato de que a renúncia de um Papa seja feita livremente perpassa, em níveis de poder, autonomia e independência social por parte da Instituição Católica. Durante a maior parte da Idade Média, e até mesmo em momentos decisivos da Idade Contemporânea, a Igreja aqui referida e o Estado caminharam num perfeito paralelismo: o político se apropria do sagrado e o sagrado se constrói no político. O controle da produção de discursos (e de práticas) foi mencionado por Michel Foucault:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu conhecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1999, p. 8-9)

Podemos mencionar, ainda, que existe o que é proibido ou permitido na ordem religiosa o é também, na maioria das vezes, na ordem civil. Daí a expressão pela qual o

sistema é definido: a união entre Trono e Altar. Tais questões se enovelam em um jogo complexo de saberes e poderes que estão relacionados a existência de sujeitos e sua relação com o poder, portanto.

A respeito de Bento XVI: ascensão e renúncia

O Papa Bento XVI foi eleito no dia 19 de abril de 2005, logo após o falecimento de seu antecessor João Paulo II. Em 2005, Bento XVI tinha 78 anos. É em 2013 que este renuncia e se verá a partir de matérias jornalísticas e entrevistas midiáticas que não se trata apenas de uma questão de idade nem de fraqueza física, mas de relações de poder.

O discurso (direto) do Papa sobre sua renúncia teve repercussão mundial e este ecoou sob a (re)produção de duas vibrantes: a primeira se motivando pela idade, já avançada – com oitenta e cinco anos de idade – e a segunda por não ter mais forças para exercer as funções comprometidas ao seu cargo. Vale salientar que, algumas aparições públicas, Joseph Ratzinger mostrava-se com dificuldades de caminhar e, por mais que o Vaticano tenha negado a doença como uma das causas da renúncia, informou que o papa usava um marcapasso cardíaco por controle de saúde. Como se verá no entrecruzamento entre o fio discursivo e o interdiscurso, o anúncio feito pelo Papa Bento XVI de que ele deixaria o comando da Igreja Católica, no dia 28 de fevereiro, causou espanto em todo o mundo e gerou diversas dúvidas sobre os motivos que o levaram a tomar tal atitude.

Entre fevereiro e março de 2013, o *Jornal Eletrônico da Globo G1.com* disponibilizou, para quem estivesse com dúvidas a respeito da renúncia papal, um site de perguntas, em que o próprio corpo social emitiria suas indagações e estas seriam respondidas pelo próprio Jornal. Uma das matérias teve como pergunta: *Houve pressão para que o Papa renunciasse?*

O porta-voz do **Vaticano**, padre Federico Lombardi, disse que a decisão de renunciar foi tomada por Bento XVI sem pressão externa. Entretanto, durante seu pontificado, o Papa enfrentou uma crise por conta de vários escândalos de abuso sexual de crianças que abalaram a Igreja, além do escândalo do VatiLeaks, envolvendo o vazamento de documentos secretos do Vaticano por meio de seu mordomo pessoal. Especialistas dizem que o pontífice pode ter enfrentado pressão para deixar o cargo devido aos escândalos e também à sua

idade avançada. Há correntes dentro da Igreja que defendem que o Papa deve ser mais jovem, para conseguir acompanhar as transformações do mundo e ter um pontificado mais longo (G1, 2013, s. p.).

A partir do trecho acima exposto pode ser mencionado que houve interdição do discurso religioso sobre as crises que foram enfrentadas durante o período em que o Papa esteve com o cetro nas mãos (antes do escândalo denominado Vatileaks³). Na perspectiva da Análise do Discurso Francesa os discursos são heterogêneos e perpassados por interdição. Esta é feita através das instituições sociais (no caso em análise, pela Igreja e pela Mídia). Segundo Foucault (1996, p. 9) “[...] não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” O discurso religioso em pauta é constitutivamente atravessado pelo discurso político, pelos escândalos de corrupção que a mídia procura interditar.

Existem, na própria materialidade dos discursos que circulam sobre a renúncia do Papa na mídia, sentidos que se contradizem, pois como a renúncia pode ter sido um ato de livre e espontânea vontade e em uma mesma instância resultar do fato de um sujeito em questão ter sofrido pressão interna e/ou externa? Há posições-sujeito distintas, contraditórias, conflitantes, ou seja, existe a voz da mídia, a voz do mordomo (que gerou o Vatileaks) e a voz oficial da Igreja Católica, mostrando as relações de poder que permeiam o discurso religioso, dentro e fora da mídia. Sempre que a mídia retoma esse discurso religioso, ela o desloca, modifica-o, atualiza-o, o interdita.

Quando se fala que o *Papa enfrentou tensões pelos vários escândalos de abuso sexual de crianças e do escândalo do VatiLeaks, no vazamento de documentos secretos do Vaticano*, isso são informações que foram caladas pela mídia, provavelmente porque enfraqueceria a Instituição Católica. Alguns jornalistas resgataram os acontecimentos em torno da renúncia de Bento XVI e os avaliaram, apresentando-os sob nova roupagem. Essa discursivização midiática gerou novos sentidos e envolveu a história na medida em que foi sendo produzida uma repetição incessante de enunciados que circularam na mídia em vários gêneros discursivos.

³ Trata-se de um escândalo envolvendo o vazamento de documentos secretos do Vaticano associados a uma rede de corrupção, favoritismo e nepotismo praticados em contratos e relações inflacionadas com parceiros da Itália que mantiveram uma estreita ligação com a sede religiosa em questão.

Em *A ordem do discurso* Foucault nos fala sobre a vontade de verdade como um dos procedimentos de exclusão e controle dos discursos. A mídia, em nossa sociedade, fabrica discursos, tonando-os “verdadeiros”, dando-lhes legitimidade, aliando o saber ao poder. Como menciona Foucault (1996, p. 117-18):

[...] a vontade de verdade, como outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas... é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.

Assim, percebemos que a mídia espetacularizou a doença e a velhice do Sumo Pontífice como motivos possíveis para a renúncia do Papa Bento XVI para minimizar os escândalos políticos que dominavam a (des)ordem do discurso religioso no Vaticano. Mas, como entender, então, o porquê de Frederico Lombardi, diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé na ocasião, ter negado a influência de pressões externas na renúncia papal? A existência e a necessidade de haver uma negação em meio a este contexto não podem passar despercebidas como se constituíssem apenas um detalhe dispensável. Compreende-se isto no desenrolar destes conflitos sociais preexistentes ao acontecimento, como bem exemplifica o teólogo e professor Rafael Rodrigues da Silva:

O Papa vinha enfrentando problemas políticos entre os grupos [da Igreja]. Basta ver no ano passado quando o mordomo vazou documentos secretos. Tudo isso cria um conjunto de fatores políticos sérios que o desgastaram ainda mais [...] (CARTA CAPITAL, 2013, s. p.).

Caso o porta-voz do Vaticano assumisse que houve influência de pressões externas, comprometeria o “poder” que está centralizado (ou não) na Igreja Católica. Na medida em que sustenta a autonomia episcopal, o discurso da “coibição” esconde uma suposta fragilidade institucional.

Podemos perceber como se engendram as relações de poder que constituem as várias posições-sujeito (a do Vaticano, a da mídia) no discurso religioso sobre a renúncia papal através do fragmento abaixo, por exemplo:

O anúncio da renúncia do Papa Bento XVI nesta segunda-feira 11 causou surpresa, mas não pode ser considerado um movimento tão

inesperado. Em meio a um mandato marcado por tensões com outros líderes religiosos, novos casos de pedofilia envolvendo clérigos e a demanda por uma Igreja Católica mais aberta, Joseph Ratzinger vivia sob constante pressão. Algo que tornou-se mais evidente em delicados escândalos, como o do mordomo mandado para a prisão por revelar documentos que deixavam claro o jogo de poder nos corredores do Vaticano (CARTA CAPITAL, 2013, s. p.).

A partir do enunciado acima assentado, há uma justificativa para a interdição midiática do discurso político sobre a corrupção religiosa no Vaticano. O próprio “jogo de poder nos corredores do Vaticano” sugere informações que não poderiam ser reveladas ao público. A materialidade aponta para as pressões sofridas pelo Papa e deixa entrever que o discurso religioso católico segue uma ordem, determinada por uma *vontade de verdade* “que tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”. (FOUCAULT, 1996, p. 17)

No jornal *Carta Capital* o teólogo Rafael Rodrigues da Silva afirma que o papa vinha enfrentando problemas políticos entre os grupos da própria Igreja. Portanto, isso contribuiria para os fatores políticos que desgastariam ainda mais o Papa, por sua idade. Completa o teólogo afirmando que, logicamente, isso não apareceria, pelo Vaticano, de modo oficial.

Em acréscimo a isso, percebe-se o que comenta o desembargador aposentado e colunista de *Carta Capital* Walter Mairovitch a respeito do Vaticano:

O Vaticano é notório por guardar bem seus segredos. No caso do mordomo, há várias notícias de um movimento contrário ao Papa e até uma carta com uma ameaça de morte. Houve ainda o escândalo do Banco do Vaticano, em que se viu que o Papa tinha muita dificuldade de impor as regras mínimas da União Europeia contra a lavagem de dinheiro (CARTA CAPITAL, 2013, s. p.).

Este enunciado permite ao menos desconfiar que o acontecimento da renúncia papal esteve enovelado em meandros de relações de poder em torno da renúncia de Bento XVI. De modo parecido também permite perceber que estes discursos (em torno desta temática da renúncia) foram interditados pela mídia, que preferiu divulgar e salientar motivos de ordem pessoal para a renúncia Papal em benefício da Instituição Católica. Na seção seguinte, através da análise das charges, buscaremos demonstrar discursivamente através da mídia como isso se deu.

Análise de charges: a crítica social

A apresentação dos enunciados anteriores que compunham os textos do *GI* e da *Carta Capital* mostraram como a mídia produziu novos sentidos para o acontecimento “renúncia de Bento XVI”, enfatizando questões de ordem pessoal para a renúncia papal de forma a distrair a atenção dos leitores para os escândalos financeiros (secretos) do Vaticano, que só vieram à tona após o Vatileaks.

Nas charges, gênero discursivo/textual com teor crítico, enfatiza outros discursos que perpassam o religioso, como os discursos relacionados ao âmbito da sexualidade.

9.1_ 1º Caso: pressões por *suposto* envolvimento em Pedofilia:

Pega de surpresa, a imprensa europeia tenta entender por que Bento XVI adiantou seu adeus. Uma das possibilidades aventadas é o levante de movimentos católicos conservadores e rentáveis como Legionários, Opus Dei e Comunhão e Liberação, que agiram contra um papa que ameaçava ‘limpar a igreja’, ainda que moderadamente, daqueles que cometeram delitos financeiros ou eram advogados de pedófilos. A análise é de Martín Granovsky, do Página 12 (PÁGINA GLOBAL, 2013, s. p.).

Figura 1 – Pedofilia na Igreja



Fonte: Blogspot⁴

A charge acima contém a representação imagética de um sujeito, representado pelo Papa, surpreso perante algum julgamento feito em relação ao mesmo, ou até

⁴ <http://2.bp.blogspot.com/-upTfycmSG3Y/URpWKkwmBoI/AAAAAABOIk/sCQXL3mNy-c/s1600/padre-pedofilo.jpg>

mesmo de acusações feitas pela sociedade em geral. Há, na representação, escolhas que remetem a uma posição social e fazem alusão a uma institucionalidade específica a qual ele pertence socialmente. Discursivamente funciona a partir da mobilização de elementos que aludem não apenas ao papa, mas à Igreja Católica e um fato específico: há abusos sexuais de cunho pedofílico ou assédios cometidos na Igreja. A alteridade que constitui esse sujeito aparece implicitamente. Desse modo, pode ser mencionado que existem vestígios, no fio discursivo, que encaminham para o fato histórico de momentos escandalosos que surgiram durante o período em que Ratzinger esteve no poder, como Bispo de Roma (e papa). Para seguir o trajeto de leitura previsível para este texto, o leitor precisa acessar uma memória sócio-histórica referente aos *casos de pedofilia envolvendo clérigos* (CARTA CAPITAL, 2013, s. p.). Quando acessamos a memória discursiva chegamos a “um espaço de memória como condição do funcionamento discursivo, constituinte de um corpo sócio-histórico-cultural” (FERNANDES, 2005, p. 60). Dessa forma o conceito de memória discursiva é essencial para que se possa fazer a interpretação da charge.

Sobre o conceito de memória discursiva é preciso pontuar que este foi cunhado por Jean Jacques Courtine e contém algumas especificidades: não se refere às memórias de um sujeito (COURTINE, 1994). Está relacionado à existência histórica do enunciado. Importante recordar que para Foucault (1995) há uma relação estreita entre memória e história porque a segunda é um terreno de descontinuidades. Sendo assim, constituem-se reciprocamente. Quando discursivamente falamos em análise do sócio-histórico não pensamos em um processo linear ou homogêneo por isso mesmo: a história é marcada pela descontinuidade, nela há rupturas que não podem ser negligenciadas. Devido a isso mesmo que quando se fala em produção de sentidos o que se está considerando da ordem do sentido não é o linear, mas a opacidade num raciocínio teórico segundo o qual a língua(gem) não é transparente ou inequívoca.

Verificam-se, abaixo da bata papal, três pares de pés, supostamente de crianças (pelo tamanho, associados a um efeito de ocultação de ações relacionadas a eles que ocorrem de modo implícito). Isso deixa entrever que Bento XVI estivesse escondendo a ocorrência de pedofilia nos muros da Igreja, metaforicamente, a partir da representação das vestes da ordem que remete não apenas à sua caracterização vestimentária, mas de um coletivo de sujeitos clérigos e sacerdotes, cujas ações repulsivas que sua omissão

reforçaria. Esta dimensão verbal da charge nos remete à memória discursiva dos vários casos de pedofilia no clero católico acobertados pela Igreja. Na vestimenta do Papa, vemos presentes um terço, representante de interseção ou ligação a Deus pela Igreja Católica, e uma auréola angelical, símbolo que remete à suposta Santidade do Papa. O reconhecimento de tais elementos, associado à retomada de uma memória específica assimilada por uma multidão de sujeitos leitores da charge, remete à existência de um aglomerado de discursos que circulam social e culturalmente que constituem os objetos a que se referem no âmbito de zonas de veridicção (no âmbito da produção de verdades, de interditos, de silenciamentos e de retornos diversos da discursividade que os constitui).

Estes símbolos *sacros* foram colocados na estrutura imagética da charge para serem contrapostos ao acontecimento. A expressão do Papa e o remeter das outras imagens reveladoras de temas como a profanidade e a pedofilia são contrários ao discurso católico papal. Percebemos, então, os atravessamentos de outros discursos na produção e circulação de sentidos no discurso religioso no gênero charge.

Figura 2 – Fala do papa



Fonte: Blogspot⁵

Da mesma maneira, nesta segunda charge, é-nos colocado como se deu o desenrolar do discurso católico frente às pressões sociais estabelecidas em torno do tema pedofilia. Diante da imagem o Papa Bento XVI tem aparição com a mão esquerda

⁵ http://2.bp.blogspot.com/_c3XkLHgm_ds/S66MC3rmE2I/AAAAAAAAAbc/zqtyggK8-98/s1600/%7B8C3F86B1-AFAD-48C9-8FC0-3F51C0E294D9%7D_27OP0201_charge.jpg

erguida a bispos e líderes católicos, estando aquele com a expressão de *insatisfação*. Porém, outros sentidos surgem quando nos reportamos ao argumento verbal. Joseph Ratzinger diz: “Não quero mais ouvir esse negócio de ‘vinde a mim as criancinhas hem!’”. Mais uma vez, para se compreender os múltiplos sentidos que envolvem esta charge, é preciso resgatar a memória discursiva que está associada à historicidade dos sentidos e do sujeito.

“Venham a mim as criancinhas” é um enunciado proferido por Jesus nos evangelhos sinóticos de tradução católica. O trecho aparece em *Mateus 19:13-14* e em *Lucas 18:15-16*. Jesus faz um outro discurso semelhante sobre o mesmo tema em *Mateus 18:1-6*, *Marcos 9:33-37* e *Lucas 9:46-48*. Dentro da Palavra de Deus (para a cultura ocidental judaico-cristã), esta materialidade linguística constrói um discurso de pureza, inocência, ingenuidade, sendo este o motivo de Jesus pedir para que venham a ele as crianças, porque elas (até certo ponto) não têm maldade, são despedidas de malícias. Porém, na charge acima figurada, este enunciado verbal é (re)configurado, produzindo novos sentidos por estar em diferentes condições de produção. Está, portanto, inserido em uma nova formação discursiva. “Os enunciados [...] inscrevem-se nas situações que os provocam e, por sua vez, provocam consequências, mas, vinculam-se, também, a enunciados que os precedem e os sucedem.” (FERNANDES, p. 54).

Dessa forma, quando o papa se dirige aos bispos para proferir a materialidade “vinde a mim as criancinhas”, esta deixa de fazer parte do discurso religioso para integrar o discurso da sexualidade. O enunciado que constitui a charge em pauta “desestabiliza” o sentido da formulação bíblica pelo viés do humor crítico. Assim, os dizeres que constituem o gênero charge inserem-se em uma ordem do discurso que objetiva subverter a ordem social, tanto pelo efeito humorístico quanto pelo uso da sátira. O texto chargístico remete, em uma das possibilidades, a que Bento XVI, após ser pressionado de diversas maneiras acerca dos casos de pedofilia (e percebendo que a instituição católica, de certa maneira, enfraquecera), se refira aos outros líderes, ordenando que eles não cometessem mais tais atos de impureza, na satisfação de seus desejos carnis. Por este motivo ocorre o jogo com os sentidos do substantivo criancinhas que, na charge, assume uma conotação sexual. Este é, pois, o atravessamento de outros discursos, na produção de novos sentidos. Para Gregolin (2004, p. 16):

O acontecimento enunciativo não deve ser tratado em si mesmo, mas deve-se compreender como estes enunciados podem se articular com acontecimentos que não são de natureza discursiva (técnicos, práticos, políticos, econômicos etc.) e estabelecerem, com eles, um jogo de relações [...] importaria, na análise, examinar o jogo de regras que determinam, em uma cultura, a aparição e o desaparecimento dos enunciados, sua permanência e sua supressão, sua existência paradoxal de acontecimentos.

Figura 3 – “Sair de cena”



Fonte: Esmael Morais⁶

Esta última charge, dentro da categoria da sexualidade como princípio condutor à renúncia papal, nos assenta dentro de uma memória discursiva, na medida em que se recupera e (re) edificam-se outros sentidos para a materialidade que se constitui num jogo de sincretismo: contém elementos tanto verbal quanto imagéticos. É a (re) aparição e a (re) produção de sentidos na relação com sujeitos e com os poderes que produzem a aparição singular de seus enunciados.

Nesta charge, que remonta a posição assumida pelo sujeito social Joseph Rztinger, percebe-se um efeito de complementaridade entre o linguístico e a imagético. O Papa é apresentado com um rosto malicioso e sarcástico, como se possuísse más intenções em renunciar o cargo ou estivesse *satisfeito* em fazê-lo. Para intensificar suas possíveis más intencionalidades, vemos sair do sujeito uma cauda que é apresentada nos desenhos infantis e adolescentes (míticos) como satânica. Isso se faz para “sugerir” que o Papa, a partir de suas ações – e ainda mais agora com sua renúncia, se portasse como o próprio satanás, que na cultura ocidental judaico-cristã é aquele que provoca o mal,

⁶ <https://www.esmaelmorais.com.br/2013/02/charge-do-dia-a-renuncia-do-papa-bento-xvi/>

desviando pessoas do bom caminho. Ao produzir este trabalho discursivo, o texto chargístico provoca um deslocamento semântico, em que os sentidos são reatualizados, produzindo sua irrupção em uma memória do presente. Nesta mesma proporção, conecta estes sentidos a uma memória cristalizada retomada e reacendida no âmbito da discursividade.

Analisando a estrutura linguística da charge percebemos, mais uma vez, o atravessamento do discurso sexual, com os jogos de sentido (e de poderes) na materialidade chargística. Quando o papa diz que é hora de sair de cena porque está tudo “frraco, mole, pendurrado”, isso faz com que o jogo com/dos sentidos (poderes) aconteça. Em um primeiro plano, talvez imaginemos se tratar apenas da cauda que ele carrega, que tem aparência de fraca, mole e pendurada. Porém, é preciso ressaltar aqui a ambiguidade constitutiva da língua a qual se materializa em enunciados. Desse modo, acerca da expressão grafada entre aspas na frase anterior, é importante salientar ao leitor que o grafema R se repete com o objetivo de representar na escrita um aspecto da fala do papa, ou seja, um som de /r/ uvular próprio da língua alemã transposto ao português. Desse modo, conceptualmente, faz-se necessário assinalar o conceito de formação discursiva, por meio do qual se vislumbra a configuração da ordem do que pode ou não ser dito em determinada época. Vale destacar, no entanto, que não se trata de uma instância homogênea e tranquilizadora já que

[...] uma formação discursiva nunca é homogênea, é sempre constituída por diferentes discursos... Quando buscamos compreender, por meio de uma análise, uma formação discursiva dada, veremos que será apenas parcialmente apreendida, pois caracteriza-se por uma incompletude e tem uma natureza complexa na sua própria dispersão histórica.” (FERNANDES, 2005, p. 51)

É imprescindível aqui lembrarmos que, quando Cleudemar Alves Fernandes (2005, p. 55) reflete sobre formação discursiva, afirma que esta é resultado de configurações que põem em emergência os dizeres e os sujeitos socialmente organizados em um período histórico específico. Entretanto, este autor também nos faz perceber que uma formação discursiva não se limita apenas a uma época, mas em seu interior são encontrados elementos que tiveram existência em diferentes espaçamentos sociais, em outras instâncias históricas.

Em segundo plano, atendo-nos ainda na pronúncia de Bento XVI, o enunciado: “*Quando tudo fica frraco, mole, pendurrado... é porrrque já é horra de sair do cena*” ganha conotação sexual por poder estar se referindo, ainda que em um plano implícito memorialisticamente discursivo, ao órgão genital masculino. Isso porque este é o discurso recorrente (por formações imaginárias) da maioria dos homens que vivem em uma sociedade essencialmente patriarcal e machista. No âmbito discursivo sexual, quando o homem não consegue satisfazer mais o parceiro ou a parceira sexualmente, ele se sente impotente, incapaz de permitir-lhe prazer, daí vem *é hora de sair do cena*. Ele não tem mais poder ou vigor. O papa estava se sentindo sem poder, sem força, pelas pressões exercidas. É neste sentido que os discursos aqui configurados, em sendo “o espaço de memória a condição do condicionamento discursivo, exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos.” (FERNANDES, 2005, p. 56).

A partir desta perspectiva, pode ser mencionado que, nesta construção, o social e o histórico se edificam na demonstração das relações de poder em torno deste discurso religioso. Assim, torna-se necessário mencionar que, a partir da análise do *corpus*, não há “o” sentido único ou verdadeiro para um determinado acontecimento discursivo, pelo contrário, os sentidos são múltiplos, plurais, gerando, assim interpretações diversas. Isso reafirma a heterogeneidade do discurso midiático que vai tecendo a história através de várias vozes. Na mídia, o acontecimento é antes de tudo, uma montagem multifacetada que dá ao leitor um efeito de unidade na dispersão dos enunciados que circulam por diferentes gêneros discursivos e suportes textuais.

Considerações finais

Os múltiplos sentidos para a renúncia papal revelam que não há apenas uma verdade em torno dos acontecimentos, mas há, foucaultianamente falando, vontades de verdade e formas de veridicção, quando algo é posto no lugar do verdadeiro. A interdição ocorre quando percebemos o silenciamento de determinados enunciados e a insistência em outros por parte da mídia e que vai sendo instaurada em (des) acordo com instâncias institucionais da Igreja.

Trabalhar com charges é trabalhar com múltiplos sentidos. Tanto nas materialidades linguístico-imagéticas das charges apresentadas, verifica-se uma das principais características dos textos em AD: a opacidade dos sentidos. A opacidade se

refere ao fato de que os textos não possuem um sentido único e, por isso, se tem a possibilidade de deriva, devido à ambiguidade e incompletude que lhe são constitutivas. Percebemos os jogos de poder em torno da renúncia do Papa Bento XVI no bojo de um acontecimento específico no qual a mídia trabalha discursivamente, ora fabricando sentidos, ora polemizando, dando lugar à crítica social, espetacularizando o fato. Dessa forma, os sentidos em torno da (des)ordem do discurso papal não se produzem apenas no plano da superfície discursiva, mas precisam ser buscados, sobretudo, na relação com o domínio da memória e no âmbito da existência de sujeitos, poderes e saberes onde, mais que dizer e produzir sentidos, são instauradas e reforçadas subjetividades outras.

Referências

ARAÚJO, Michele Costa Meneghetti Uguino de. *Potencialidades do uso do Blog em educação*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

BARACUHY, Maria Regina. A Interdição como dispositivo constitutivo a produção midiática de identidades nordestinas. In: SANTOS, Janaina de Jesus; MILANEZ, Nilton (org.). *Análise do Discurso: sujeitos, lugares e olhares*. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 17-22.

CARTA CAPITAL. Pressões políticas podem ter influenciado Bento XVI. Carta Capital, s. p., 2013. Disponível em: <<<https://www.cartacapital.com.br/internacional/pessoas-politicas-podem-ter-influenciado-bento-xvi>>> Acessado em 10 jun. 2019.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Promulgado por João Paulo II, o Papa. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 10 ed. São Paulo: Loyola, 1987.

COURTINE, Jean-Jacques. Le tissu de la mémoire: quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage, *Langages*, n. 114, p. 5- 12, 1994.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERNANDES, Cleudemar. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 6 ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 5. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

G1. Leia perguntas e respostas sobre a renúncia de Bento XVI. *G1*, s. p., 2013. Disponível em: << <http://g1.globo.com/mundo/renuncia-sucessao-papa-bento-xvi/noticia/2013/02/leia-perguntas-e-respostas-sobre-renuncia-do-papa-bento-xvi.html> >> Acessado em 10 jun. 2019.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Althusser, Foucault, Pêcheux: diálogos entrelaçados. IN: GREGOLIN, M^a do Rosário. *Foucault e Pêcheux na construção da Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 17-64.

MONTEIRO, Emmanuele. Charge: lendo imagens nas trilhas da AD francesa. In: GODOY, Edileide; FREITAS, Eliza; MONTEIRO, Emmanuele; DOMINGOS, JJ; BARACUHY, Regina; PEREIRA, Tânia. *Práticas Discursivas Contemporâneas – corpo, memória e subjetividade*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2011, p. 71-90.

PÁGINA GLOBAL. Análises sobre o próximo papa. *Página Global*, s. p., 2013. Disponível em: << <https://paginaglobal.blogspot.com/2013/02/analises-sobre-o-proximo-papa.html> >> Acessado em 10 jun. 2019.

SILVEIRA, Éderson Luís. Você não está sozinha: vulnerabilidade, ações protetivas e (tentativas de) interdição do abuso sexual nos transportes públicos. *INTERLETRAS (DOURADOS)*, v. 07, p. 1-13, 2018.

THE SPECTACULARIZATION OF THE RESIGNATION OF BENEDICT XVI: POWER RELATIONS AND A (DES) ORDER OF DISCOURSE

ABSTRACT

This paper aimed to analyze how the media worked discursively on the event of the resignation of Pope Benedict XVI, from the framework of the Discourse Analysis of Michel Foucault. The corpus consists of three cartoons that circulated on the internet so much during the time when Benedict XVI held the position of pope, from February to March 2013, from a "historical eruption". The results demonstrated the existence of power games around the resignation of Pope Benedict XVI in the context of a specific event in which the media works discursively, now fabricating meanings.

Keywords: discourse analysis, power relations, medi, religious discourse.

Recebido em 24/02/2020

Aprovado em 19/05/2020